



Sarney tentará fortalecer o PDS nos estados oposicionistas

Planalto aprova a "Missão Sarney"

SILVIO LEITE

Da Editoria Nacional

O Palácio do Planalto considera fundamental a idéia de o senador José Sarney iniciar uma série de viagens aos dez Estados onde o PDS foi derrotado, visando soerguer o partido e reunificar as lideranças remanescentes com os novos nomes que surgiram nessas últimas eleições. Seria assim criada a "Missão Sarney", repetindo o que Petrônio Portella fizera após as derrotas da Arena em 1974.

Muito embora assemelhe-se com a "Missão Portella", o trabalho atribuído a Sarney obedecerá a uma estratégia diferente, mesmo porque a conjuntura e as razões das derrotas são completamente diferentes. Além do mais, dentro do próprio PDS há um reclamo por renovação e o peso político de um

governador eleito pelo voto do povo é muito diferente daquele tempo de nomeações. E muitos preteridos terão agora preferência, em razão das derrotas dos escolhidos.

Por outro lado, é muito difícil um fracassado eleitoralmente manter-se na liderança, a não ser que apresente uma justificativa muito convincente; os partidários sejam convintes ou omissos; ou simplesmente não sujam lideranças renovadoras.

ESTRATEGIA

Quando a Arena sofrera aquelas fragorosas derrotas em 1974, perdendo 16 importantes cadeiras no Senado para o então MDB, e diminuindo a bancada de deputados federais, Petrônio Portella fora considerado (pelo menos publicamente) o grande culpado, porque ninguém ousava criticar o presidente Ernesto Geisel. Além disso, contra o então presidente da Arena pesava

o fato de ter realizado prévias contestadas, em busca de um consenso que nunca existira.

Com humildade, Petrônio assumira o fracasso para si, preservando a imagem de Geisel. E com inteligência, Petrônio armava, poucos meses depois, a estratégia das viagens aos Estados, trazendo para si o noticiário nacional, ao mesmo tempo em que fazia esquecer as críticas daquelas derrotas.

De simples contatos, Petrônio passou a criar movimentos jovens, operários e femininos da Arena, incentivou debates e palestras que depois culminariam na criação da Fundação Milton Campos, ao mesmo tempo em que pedia sugestões para reestruturação do partido e de um novo programa de ação, tudo culminando com uma grande festa em Brasília, uma convenção nacional, até hoje não imitada.

Visita será aos Estados da oposição

A estratégia a ser seguida por Sarney não precisará obedecer aquele rito, mesmo porque ninguém o atribui, nem ao seu partido e muito menos à ingerência de Figueiredo que, por sinal, nunca houve em nenhuma indicação de candidatos. As razões das derrotas, estas sim, devem às teimosias de alguns governadores, que se consideravam "caciques eternos", escolhas de péssimos nomes de candidatos e, principalmente, à desunião partidária fruto dessas escolhas.

Dentro dessa concepção, Sarney só deverá visitar os 10 Estados onde o PDS foi derrotado: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Pará e Acre. O Rio encontra-se incluído nesse roteiro, mas sem a importância dos demais Estados porque ali houve união, o PDS recuperou-se e, assim, a derrota de Moreira Franco tem sido considerada como uma autêntica vitória.

O presidente do PDS, apesar do dever de conversar com todos líderes não se descuidará por isso de ouvir as novas lide-

ranças que estão surgindo, justamente porque a orientação do Palácio do Planalto e no sentido de se conseguir adaptar-se à atual conjuntura política nacional.

Mais do que Petrônio, o presidente nacional do PDS terá condições de conceder liberdade de ação às lideranças estaduais, e destas captar sugestões para possíveis modificações na própria estrutura política nacional. Sim, porque, ao contrário do absorvente presidente Geisel, o presidente Figueiredo é desburocratizante por excelência, e gosta muito de receber sugestões.

Sarney não fará nenhuma votação para obter o consenso, mas anunciará a todos que as futuras direções partidárias, municipais e estaduais, surgirão de escolhas livres e diretas. E autenticamente poderá também garantir isso, porque esses 10 Estados estarão livres das ingerências de governadores. Além disso, tanto quanto aconteceu nas escolhas do candidato a governadores e senadores deste ano, o Palácio do Planalto, e muito menos a direção na-

cional do PDS, não pretendem interferir diretamente nas escolhas dos dirigentes. Assim, em cada Estado as lideranças respondem na razão direta de suas boas ou más escolhas.

Como se pode observar, a "Missão Sarney" tem tudo para tornar-se mais objetiva e menos cansativa. O presidente do PDS será mais conselheiro do que interventor, mesmo porque se quiser ter êxito, presente ou futuro, deve limitar-se prioritariamente a ouvir e, no máximo, aconselhar aqueles que ainda pensam que líder é só o que recebe o beneplácito do poder central e através desse bastão impõe suas idéias.

A missão Sarney não tem data para começar e nem para terminar, mas o bom-senso antes que o presidente do PDS aproveite os meses de janeiro e fevereiro, e os primeiros dias de março, como época mais propícia. De seu êxito dependerão outras tarefas, ainda mais importantes, porque o Palácio do Planalto sabe da necessidade de ter o PDS não só como partido oficial, mas um aliado por convicção.